

## O Facebook Como Ferramenta Para o Exercício da Cidadania no Contexto do “Fora, Temer!”<sup>1</sup>

Mariana Pabis BALAN<sup>2</sup>  
Renan COLOMBO<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

### Resumo

Vive-se a era da chamada “Revolução Digital”, em que qualquer pessoa com acesso à internet pode criar e divulgar conteúdos, retirando dos meios de comunicação de massa a centralização da produção. O presente artigo se voltou a estudar como a WEB acaba se tornando uma versão virtual da esfera pública, influenciado no processo de tomada de decisão dos cidadãos. Valendo-se da internet, movimentos sociais independentes, como os contrários ao impeachment de Dilma Rousseff, divulgam seus ideias e convidam mais pessoas interessadas à causa. O que o trabalho conclui, porém, é que a participação se dá de forma mais intensa no ambiente virtual, restando ainda baixa nas ruas.

**Palavras-chave:** cidadania, engajamento político, Facebook, impeachment, movimentos sociais.

### Introdução

O brasileiro sempre se reuniu em grupo a fim de se manifestar contra aquilo que lhe desagrada nos aspectos político e social. Há desde exemplos clássicos, como a Inconfidência Mineira, ainda no século XVIII, a contemporâneos, como as Diretas Já, na primeira metade da década de 1980. Mais recentemente, tem-se as Jornadas de Junho, em 2013, e os protestos contrários ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT) que ocorreram entre março de 2015 e o primeiro semestre de 2016.

Nos exemplos recentes, pode-se afirmar que a internet exerce um importante papel no processo de formação de opinião e no convite à manifestação. Isso porque a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Aluna do 6º período do curso de Jornalismo da PUCPR, e-mail: ma.balan@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Orientador deste trabalho. Mestre, professor do curso de Jornalismo da PUCPR, e-mail: renan.colombo@pucpr.br.

---

sociedade contemporânea vive a era da chamada “Revolução Digital”, em que é possível criar – e disponibilizar – tecnologias de transmissão, modificação, cópia e distribuição de conteúdo, armazenando-o em digitalmente (BALKIN apud MAGRANI, 2014, p. 457). Nessa revolução, a internet é um ambiente em que são criados espaços que permitem o debate público e a discussão de questões privadas (MAGRANI, 2014, p. 458), exercendo papel crucial no processo de tomada de decisão que afeta a vida dos cidadãos.

LÉVY (1996, p. 203) afirma que a importância deste ambiente, que tem a internet como símbolo principal, está no fato de se apresentar como alternativa às mídias clássicas de massa. Enquanto estas praticam uma comunicação unidirecional, mantendo os receptores isolados uns dos outros, a internet encoraja trocas, promovendo a noção de “comunidade”. Entendimento similar tem SEBASTIÃO (2012, p. 62), que vê a internet como uma esfera onde todos os níveis do mundo político — atores, cidadãos e órgãos de comunicação social — podem estar envolvidos de forma simultânea. Ainda, haveria a quebra de barreiras físicas, superando formas tradicionais de ligação e fazendo surgir, de modo eletrônico, expressões cívicas nunca antes imaginadas.

A partir do dia 31 de agosto de 2016, outra onda de manifestações tomou as ruas brasileiras. A data marcou o fim do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT), alçando o peemedebista Michel Temer ao cargo de chefe do Executivo nacional (GARCIA et al., 2016). No mesmo dia, brasileiros contrários à decisão tomaram as ruas de diversas capitais do país alegando que ocorrera um golpe, em atos que ficaram conhecidos como “Fora, Temer!”. Com o debate político brasileiro presente nas redes sociais desde 2013, o Facebook acabou atuando como a principal ferramenta para a divulgação das manifestações.

Nesse sentido, o presente trabalho aponta os resultados do estudo dessas manifestações, observando qual é a participação efetiva do público que, virtualmente, mostrou-se interessado na causa. O trabalho buscou responder à seguinte questão: há

---

discrepância entre os números de usuários que são ativos virtualmente e aqueles que agem presencialmente? Ainda, foram analisadas quais as técnicas - fotos, vídeos, links, gifs, etc - utilizadas pelos organizadores dos protestos para gerar engajamento virtual de seus seguidores, que poderia ser convertido em presença nos atos. Tratou-se de uma análise de linguagem, a fim de compreender o poder que os recursos utilizados podem exercer em relação a uma eventual mobilização física dos manifestantes virtuais.

### **Sociedade em rede**

Não é exagero afirmar que a internet é uma versão virtual da esfera pública proposta e discutida por HABERMAS (apud MAIA, 2000, p. 3). O filósofo alemão afirma que a esfera pública caracteriza-se como uma dimensão social que atua como mediadora entre Estado e sociedade. Em tal dimensão, o público, munido da opinião pública, organiza-se. Para tanto, as liberdades de expressão, reunião e de associação são necessárias. A esfera pública, portanto, seria “o locus da comunicação, os espaços nos quais as pessoas discutem questões de interesse comum, formam opiniões ou planejam a ação” (MAIA, 2000, p.3), que assume o papel de arena à parte do sistema político formal e faz das autoridades personagens passíveis de críticas e confrontos.

A internet, para PENTEADO (2014, p. 11), faz as vezes de esfera pública e funciona como um espaço extra institucional, em que coletivos independentes poderiam participar de forma mais ativa nas questões políticas. Esse ambiente se mostra propício para aquilo que LEMOS (2002) chama de “liberação do pólo de emissão”, quando se observa o fim da descentralização da produção de conteúdo. Segundo o autor, esta liberação traria novas possibilidades aos usuários, indo na contramão do praticado pelas *mass media*, que detêm o controle das diversas modalidades comunicativas. Na WEB, o internauta tem a possibilidade de se expressar múltipla e livremente. Cria-se um excesso de informação que muitas vezes é difícil de controlar, é verdade, mas também permite a “pluralização de vozes e, efetivamente, o contato social” (LEMOS, 2002, p. 02). Na internet, portanto, lugar para interação e colaboração, os papéis de emissor e receptor se

confundem, havendo um fluxo informativo bidirecional.

A noção de esfera pública se liga de forma importante à questão da cidadania, que em seu conceito político enxerga o cidadão como indivíduo conhecedor de seus direitos e deveres, que pode participar do debate e, com sua ação consciente, é capaz de forjar seu “destino histórico” (MARTINS, 2000, p. 113-115).

Isso é proporcionado porque se vive na chamada “sociedade em rede”, surgida no contexto da era da informação. É a organização atrelada à globalização que caracteriza a sociedade em rede. CASTELLS (2005) destaca que aos grupos que integram a sociedade, é possível a comunicação e o compartilhamento de experiências e opiniões. A sociedade em rede é instrumento que atua na formação da opinião pública, influenciando os processos de decisão política e transformando o espaço público (CASTELLS, 2005). Quem recebe a informação acaba construindo suas convicções no papel de receptores coletivos. Complementar a esse entendimento de CASTELLS vem o de ELIAS (1994, p. 35), que afirma ser impossível compreender a rede por uma análise a partir de fios isolados, justamente porque é a conexão que mantém a reciprocidade em relações.

Na WEB, constroem-se as redes sociais digitais. MAIA (2000, p. 5) afirma que a internet é um espaço que se desdobra a novas discussões políticas, em que usuários podem tanto interagir localmente quanto transcender as fronteiras de um Estado. Tal entendimento endossa o discorrido por MARTELETO (2010, p. 32), que se refere à internet como “a redes das redes”, uma “arena ampliada geograficamente e socialmente para interação, comunicação e sociabilidade”, um suporte em que as atividades são realizadas de forma cooperativa. PENTEADO (2014, p. 13) chama essas redes de Redes Sociais de Internet (RSI), que são “espaços de sociabilidade, no qual seus usuários podem interagir a partir do seu perfil e das ferramentas disponíveis”. Enquanto esfera pública conectada, as RSI permitem que ali sejam tecidas relações de poder, que têm sua expressão nos conteúdos publicados e nas interações que são produzidas - como curtidas, comentários, compartilhamentos, etc -, gerando mobilização e debates

---

políticos.

Valendo-se de tais redes, organizações como partidos, sindicatos e até grupos guerrilheiros usam o ciberespaço para a difusão de suas reivindicações, principalmente porque ali escapam aos “filtros ideológicos e as políticas editoriais da chamada grande mídia” (MORAES, p. 142). A intenção de tais grupos não seria a de atingir milhões de pessoas, mas, sim, a de disseminar e intercambiar ideias. Dessa forma, esses atores sociais acabam por buscar o alcance da cidadania e da justiça social.

Mas não são apenas organizações políticas institucionalizadas que lançam mão das RSI para se organizar. Para CASTELLS (2013, p. 16), a crise das associações cívicas formais impulsiona os movimentos independentes da sociedade em rede, que acaba por transformar o espaço público desses movimentos em um “espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado”. Isso porque a intenção é que o debate vá além das barreiras do ciberespaço, concretizando-se nas ruas.

Isto posto, é possível observar, na realidade brasileira, que muitos grupos têm lançado mão da internet, por meio de redes sociais para se manifestar contra temas que lhes desagradam nos aspectos social e político. Como exemplo recente, tem-se as Jornadas de Junho, em 2013; os protestos contrários ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT), que ocorreram a partir de março de 2015 (PERUZZO, 2013, p. 74); e as manifestações “Fora, Temer!”, logo após o impeachment de Dilma Rousseff.

### **Manifestações “Fora, Temer!” em Curitiba**

Assim que o impeachment da presidente brasileira Dilma Rousseff foi confirmado pelo Senado Federal, grupos favoráveis à petista começaram a organizar, via Facebook, manifestações contra a ascensão de Michel Temer à Presidência da República. Iniciado no dia 2 de dezembro de 2015 — quando o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, acolheu pedido de impedimento baseado nos problemas de responsabilidade fiscal do governo que ficaram conhecidos como “pedaladas” (BORGES, 2015) — o processo foi concluído no dia em 31 de agosto de

---

2016, da cassação do mandato de Dilma pelos votos de 61 senadores brasileiros.

Ao analisar os casos de outras manifestações organizadas via internet que aconteceram (a ainda acontecem) pelo mundo, como a Revolução Egípcia de 2011 e as Jornadas de Junho brasileiras, CASTELLS (2013) faz uma reflexão que pode ser aplicada ao caso brasileiro recente, após o impeachment:

Como em todo mundo, diziam os manifestantes, a democracia tem sido sequestrada por profissionais da política que, em sua diversidade, estão quase todos de acordo em que a política é coisa de políticos, não dos cidadãos. A democracia foi reduzida a um mercado de votos em eleições realizadas de tempos em tempos, mercado dominado pelo dinheiro, pelo clientelismo e pela manipulação midiática. E essa incapacidade cidadã de controlar seu dinheiro e seus votos tem consequências em todos os âmbitos da vida (CASTELLS, 2013, p. 182-182)

No caso do impeachment de Dilma, o caso da falta de controle sobre os próprios votos restou gritante ao ver de quem se manifestou de forma contrária ao processo, vez que consideraram a cassação da petista como um “golpe”. Tanto é que a primeira manifestação “Fora, Temer!” organizada em Curitiba logo após a confirmação do impeachment teve a seguinte descrição em seu evento no Facebook<sup>4</sup>: “O PAÍS SE MOBILIZA ESPONTÂNEAMENTE (sic) PARA SE MANIFESTAR CONTRA O GOLPE! CWB<sup>5</sup> NÃO PODE FICAR DE FORA!”.

E por que o Facebook que se apresenta como uma ferramenta importante para esse chamado à mobilização? Rede social mais popular do mundo, é acessada diariamente por 1 bilhão de usuários. 8 em cada 10 brasileiros participam, o que equivaleria a 99 milhões de usuários, número significativo (CRUZ, 2016). Aqueles ali inscritos o fazem por diversos motivos, seja para se conectar e seus amigos e familiares e com eles interagir, demonstrar traços de sua personalidade ou para ser participativo.

Para a pesquisa, foram escolhidas as manifestações “Fora, Temer!” organizadas

---

<sup>4</sup> Manifestação organizada no dia 31 de agosto de 2016 pelo grupo CWB Resiste, que à época ainda se apresentava como CWB Contra Temer. O evento foi chamado de “ATO Relâmpago! Não tem arrego!”. Disponível em <<https://www.facebook.com/events/1047701742010076/>>. Acesso em: 14 de abril 2017.

<sup>5</sup> CWB é o código do Aeroporto Internacional Afonso Pena, localizado em São José dos Pinhais, na Região Metropolitana de Curitiba. Acabou se tornando um apelido para a capital paranaense.

---

em Curitiba (PR), pelo Facebook, no momento imediatamente posterior ao impeachment de Dilma Rousseff. Foram sete passeatas. A primeira ocorreu em 31 de agosto e a última em 22 de setembro de 2016, durante quatro semanas. Optou-se, para este trabalho, analisar quatro delas — dos dias 31 de agosto, e 6, 12 e 22 de setembro —, uma em cada semana. Os recortes temporal e local foram necessários devido à grande quantidade de manifestações realizadas Brasil a fora com objetivo de demonstrar insatisfação com a saída de Dilma e a confirmação de Temer na Presidência da República. Foi feita, assim, uma delimitação de tempo — dia do impeachment e três semanas seguintes — e lugar — Curitiba, cidade dos autores do trabalho.

Quem tomou a frente das manifestações na capital paranaense foi o grupo CWB Resiste. Em sua página no Facebook<sup>6</sup>, a organização se apresenta da seguinte forma:

Criado a partir da ação de militantes independentes, o CWB surgiu como uma frente ampla que luta contra qualquer ataque que seja feito sobre a classe trabalhadora e as minorias oprimidas. No ano de 2016 foram mais de 40 atos de rua, sem contar da plena participação nas históricas ocupações, como pode ser observado na página!

À época dos atos, o grupo atendia pelo nome de CWB Contra Temer. A mudança de nome ocorreu no dia 3 de fevereiro de 2017, explicada em uma publicação na página<sup>7</sup>. A justificativa para a mudança foi que o “único mal da sociedade brasileira” não seria apenas Michel Temer, e que a ideia não era personificar a luta da organização em somente uma pessoa, de forma pontual. O grupo afirmou não ser um movimento que luta por um única causa causa, mas contra os ataques “à classe trabalhadora e minoritária”, estando nas ruas e redes sociais “pelos direitos trabalhistas, pelas mulheres, pelas pessoas negras, periféricas, LGBTI e em situação de rua”.

## Dados e resultados

---

<sup>6</sup> [www.facebook.com/cwbresiste](http://www.facebook.com/cwbresiste)

<sup>7</sup> Informações disponíveis no post “CWB CONTRA TEMER AGORA É CWB RESISTE”. Disponível em: <[www.facebook.com/notes/cwb-resiste](http://www.facebook.com/notes/cwb-resiste)>. Acesso em: 15 de abril 2017.

---

Para os dados do presente trabalho, foi realizada uma análise quali-quantitativa das postagens feitas pelo grupo organizador nas páginas dos eventos no Facebook antes da realização destes, com o objetivo de incentivar a participação do público no ato.

GIDDENS (2012) esclarece que “a pesquisa pode ser feita pelo método misto – quantitativo e qualitativo – de modo a obter uma compreensão e explicação mais ampla do tema estudado”. Centrada na objetividade e lançando mão da linguagem matemática, a análise quantitativa coleta amostras, geralmente em grande número, que podem ser encaradas como um retrato real da população alvo da pesquisa (FONSECA, 2002, p. 20). Já a abordagem qualitativa tem um caráter interpretacionista e leva em consideração que as pessoas interagem e fazem interpretações para que sejam construídos sentidos (OLIVEIRA, 2008). Para FONSECA (2002, p. 20), “a utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente”.

No tocante à aplicação quantitativa, a fim de tornar a análise mais uniforme, foram analisados apenas posts feitos entre as 10h e as 15h do próprio dia do evento. Ainda, a quantidade de reações (“curtir”, “amei”, “haha”, “uau” e “triste”), comentários e compartilhamentos que cada postagem recebeu foram alvo de nota. Verificou-se também o número de interessados e confirmados no evento na WEB contra o número de pessoas que efetivamente compareceram à manifestação. Desta forma, foi possível observar tanto o engajamento online quanto o engajamento offline dos usuários que simpatizam com a causa.

Nesse ponto, é preciso atentar-se à questão do algoritmo do feed de notícias do Facebook, chamado de EdgeRank, utilizado para definir, de forma automática, o que é mais relevante para os usuários, baseado em preferências históricas. Desde junho de 2016, a rede social prioriza postagens e compartilhamentos feitos por amigos em detrimento do conteúdo das páginas curtidas pelo usuário. PORTO (apud CRISCUOLO e PACETE, 2016) afirma que a tendência é que o alcance orgânico — ou seja, não pago — caia cada vez mais no Facebook, sendo que aproximadamente apenas 20% do que é

postado é exibido. Levando isso em consideração, é preciso ter em mente que o filtro da rede social pode influenciar no engajamento online.

Foi elaborado um índice de participação a fim de demonstrar a porcentagem de comparecimento em comparação à confirmação no evento e a presença efetiva. Trata-se de uma regra simples de 3, em que o número de confirmados equivale a 100%. Sobre o número de pessoas que compareceram, foram utilizados os levantamentos da Polícia Militar do Paraná (PM), uma vez que a organização não realizou a contagem em todas as ocasiões. A exceção foi a manifestação do dia 22 de setembro, a última analisada, que não teve contagem de público por parte da PM, tampouco pela organização. Nesse caso, foram utilizados os números de reportagem da Gazeta do Povo, que cobriu o ato<sup>8</sup>.

A etapa qualitativa foi de observação dos recursos utilizados em cada publicação, com o intuito de verificar se há algum deles que gera maior engajamento. Os recursos são: imagem (foto ou vídeo), texto, links externos, gifs ou combinações desses recursos. Também se a postagem foi original ou mero compartilhamento.

Observe-se as tabelas:

TABELA 1 - ENGAJAMENTO FÍSICO - 31/08/2016

CONFIRMADOS	INTERESSADOS	PRESENÇA EFETIVA	ÍNDICE
2.254 pessoas	2.527 pessoas	500 pessoas	22,18%

TABELA 2 - POSTAGENS NO EVENTO DO FACEBOOK - 31/08/2016

POST	HORÁRIO	RECURSOS	REAÇÕES	COMENTÁRIOS	COMPARTILHAMENTOS
1°	9h33	Imagem e texto	97	0	16
2°	10h33	Imagem e texto	63	3	3
3°	12h11	Imagem e texto	57	3	17

<sup>8</sup> Dados coletados na matéria "Em Curitiba, manifestantes voltam a pedir saída de Temer da Presidência", publicada no site da Gazeta do Povo no dia 22 de setembro de 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/em-curitiba-manifestantes-voltam-a-pedir-saida-de-temer-da-presidencia-bjzmkemgcfggemj8u3ttsj540>>. Acesso em: 4 de dezembro 2016.

4°	13h39	Texto	363	6	1
5°	13h51	Imagem e texto	299	0	25
6°	14h42	Texto	159	2	0
7°	14h49	Texto e gif	208	7	40
8°	14h57	Imagem e texto	172	2	21
TOTAL	-	-	1.418	23	123

TABELA 3 - ENGAJAMENTO FÍSICO - 06/09/2016

CONFIRMADOS	INTERESSADOS	PRESENÇA EFETIVA	ÍNDICE
1.906 pessoas	2.490 pessoas	1.000 pessoas	52.46%

TABELA 4 - POSTAGENS NO EVENTO DO FACEBOOK - 06/09/2016

POST	HORÁRIO	RECURSOS	REAÇÕES	COMENTÁRIOS	COMPARTILHAMENTOS
1°	12h07	Imagem e texto	208	7	50
TOTAL	-	-	208	7	50

TABELA 5 - ENGAJAMENTO FÍSICO - 12/09/2016

CONFIRMADOS	INTERESSADOS	PRESENÇA EFETIVA	ÍNDICE
1.411 pessoas	2.164 pessoas	200 pessoas	14,17%

TABELA 6 - POSTAGENS NO EVENTO DO FACEBOOK - 12/09/2016

POST	HORÁRIO	RECURSOS	REAÇÕES	COMENTÁRIOS	COMPARTILHAMENTOS
1°	10h39	Imagem e texto	220	2	13
2°	12h39	Texto	44	2	1

3°	13h34	Texto e link de notícia compartilhado (com foto)	49	1	5
4°	14h44	Texto e vídeo	68	0	11
TOTAL	-	-	381	5	30

TABELA 7 - ENGAJAMENTO FÍSICO - 22/09/2016

CONFIRMADOS	INTERESSADOS	PRESENÇA EFETIVA	ÍNDICE
848 pessoas	1.380 pessoas	700 <sup>9</sup>	82,54%

TABELA 8 - POSTAGENS NO EVENTO DO FACEBOOK - 22/09/2016

POST	HORÁRIO	RECURSOS	REAÇÕES	COMENTÁRIOS	COMPARTILHAMENTOS
1°	11h07	Texto e post compartilhado de outra página (com foto)	131	3	22
2°	11h35	Post compartilhado de outra página (com foto)	91	4	19
3°	14h30	Texto e post compartilhado de outra página (com vídeo)	36	0	2
TOTAL	-	-	258	7	43

A partir da coleta de dados, foi possível constatar que em todas as manifestações o número de confirmados no evento do Facebook foi superior à quantidade de pessoas que realmente compareceram às ruas. O caso mais discrepante foi o do dia 12 de

<sup>9</sup> Neste dia, excepcionalmente, PM e organização não realizaram a contagem dos manifestantes. Utilizou-se, portanto, os números do jornal Gazeta do Povo, que acompanhou o ato.

---

setembro, com índice de participação de apenas 14,17%. É um demonstrativo de que existe uma tendência entre os usuários da rede social em confirmar presença, mas não comparecer. Seria constatado, aqui, o chamado *slacktivism*, o “ativismo preguiçoso”, de grande presença online e pouca no mundo concreto. É um “ativismo de sofá”. Conforme explica SEBASTIÃO (2012, p. 65), é um termo pejorativo, que “denomina uma forma de participação social que se caracteriza como preguiçosa, pois está à distância de um clique, mas que provoca nos indivíduos uma sensação de participação social e de um impacto positivo importante na sociedade.

O dia com maior número de confirmados (2.254) foi a data do impeachment, provavelmente devido ao “calor do momento”, quando cidadãos contrários ao processo tinham a intenção de mostrar sua indignação. Foi também o dia com mais postagens feitas pela própria organização na faixa de horário delimitada: 8. A título de comparação, o evento seguinte, do dia 6 de setembro, contou com apenas uma publicação. Não foi, porém, a manifestação com maior índice de participação (22,18%) tampouco de presença efetiva (500 pessoas). Curiosamente, o índice mais alto foi registrado na última passeata organizada pelo CWB Resiste em setembro, 23 dias após a cassação de Dilma Rousseff. Em 22 de setembro, o índice de participação foi de 82,54%, com presença efetiva de 700 pessoas. Nesse dia, todas as postagens feitas pela organização do evento continham um item não original, isto é, material compartilhado de outra página.

A respeito dos recursos utilizados pela organização nas postagens feitas na página do evento, a combinação entre imagem e texto foi a que mais apareceu, num total de 7 vezes. A publicação de texto, somente, foi a segunda mais utilizada (3 vezes), enquanto texto combinado com postagem de outra página foi usado 2 vezes. As combinações entre texto e gif, texto e link compartilhado e texto e vídeo, além de post compartilhado de outra página, sem estar combinado com outro recurso, apareceram apenas uma vez cada.

Sobre o engajamento online dos usuários, a participação de seu de forma mais

---

intensa por meio das reações, que é o modo de participar mais simples — basta um clique. A postagem com maior número de reações (363) foi um texto publicado no evento do dia 31 de agosto. Assim, cai por terra a teoria dos autores desta pesquisa de que recursos mais rebuscados, como imagem e vídeo, trariam mais engajamento. Pode-se concluir que o contexto da publicação importa mais do que o recurso utilizado. O alto número de reações, portanto, demonstra que o ambiente político do momento se sobrepõe à linguagem utilizada. Em seguida, vêm os compartilhamentos. Das postagens analisadas, a mais compartilhada foi a única do dia 6 de setembro, uma combinação de imagem e texto, com 50 compartilhamentos. A mesma publicação também foi a que gerou mais comentários (um número de 7), empatada com um texto combinado com gif do dia 31 de agosto. Os comentários são a forma de interação que demanda mais esforço, que exige que o usuário seja mais ativo — por isso, talvez, seja a menos utilizada.

O que se observa é que mais que um meio de divulgar as manifestações, a página dos eventos acaba por promover a causa defendida, por meio de links compartilhados, textos, fotos e vídeos.

### **Considerações finais**

Diante do exposto, pode-se afirmar que a internet democratiza o acesso à informação, por ser um espaço em que produtor e receptor se confundem. Nesse sentido, principalmente por meio das redes sociais, mostra-se como uma versão virtual da esfera pública, uma vez que a WEB acaba por assumir o papel de uma arena à parte do sistema político formal. Pelas redes sociais, a produção de conteúdo se dá de forma descentralizada, onde movimentos independentes podem expor suas ideias, promover eventos e chamar mais pessoas à causa.

Em Curitiba, a página CWB Resiste foi responsável por organizar manifestações contrárias ao impeachment de Dilma Rousseff. No Facebook, o grupo criou eventos com informações sobre o horário e local de concentração das manifestações, bem como

realizou postagens para reforçar a causa. Foram analisados quatro desses eventos, realizados entre 31 de agosto e 22 de setembro de 2016. O que se verificou foi que o número de confirmados no evento virtual foi superior ao de participantes que saiu às ruas. A presença online, portanto, é mais expressiva do que a presença real.

O índice de participação variou de 14,17% a 82,54%, o que mostra que existe uma tendência entre os usuários da rede social em confirmar presença, mas não comparecer. Em relação ao engajamento online, as reações são o modo mais utilizado, justamente por serem a forma de interação que demanda menos esforço. O que acabou por se constatar, desta forma, foi o chamado *slacktivism*, com poucos resultados práticos. Embora a presença online dos manifestantes tenha sido expressiva.

Mas não há como negar que o Facebook é uma ferramenta de participação política, por ser um espaço em que a produção de conteúdo se dá de forma descentralizada. Cabe apenas ao usuário decidir se vai transcender as barreiras virtuais ou se acomodar no sofá.

### Referências bibliográficas

BORGES, Rodolfo. Acusado, Cunha acolhe pedido de impeachment contra Dilma Rousseff. **El País**. São Paulo, 02 de dezembro de 2015. Disponível em: <<http://brasil.elpais.com>>. Acesso em: 13 de abril 2017.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. A Sociedade em rede. Vol. I. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CRISCUOLO, Isaque; PACETE, Luiz Gustavo. O impacto da mudança de algoritmo o Facebook. **Meio & mensagem**. 30 de junho de 2016. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br>>. Acesso em: 12 de abril 2017.

CRUZ, Melissa. Facebook revela dados do Brasil na CPBR9 e WhatsApp vira ‘ZapZap’. **TechTudo**. São Paulo, 28 de janeiro de 2016. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br>> Acesso em: 30 de novembro 2016.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GARCIA, Gustavo; CALGARO, Fernanda; MATOSO, Felipe; LIS, Laís; RODRIGUES, Mateus. Senado aprova impeachment, Dilma perde mandato e Temer assume. **G1**. Brasília, 31 de agosto 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com>>. Acesso em: 13 de abril 2017.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

LEMOS, André. A arte da vida: diários pessoais e *webcams* na Internet. **INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Salvador, 1 a 5 de setembro 2002, 17 p.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MAGRANI, Eduardo. Política e Internet: Internet como ferramenta político-democrática em dois vetores. **Direito e Novas Tecnologias**. 1 ed. Florianópolis: CONPEDI 2014, v. 1., 2014, p. 455-473.

MAIA, Rousiley C. M., Democracia e a internet como esfera pública virtual: aproximando as condições do discurso e da deliberação. **Congresso Internacional Internet, Democracia e Bens públicos - FAFICH/UFMG**, 6 a 9 de novembro de 2000, 15 p.

MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 3, n. 1, janeiro-dezembro de 2010, p. 27-46.

MARTINS, Marcos Francisco. Uma “catarsis” no conceito de cidadania: do cidadão cliente à cidadania com valor ético-político. **Revista de Ética da PUC Campinas**, v. 2, n. 2, julho-dezembro de 2000, p. 106-118.

MORAES, Dênis de. Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na Internet. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. V. XXIII, n. 2, julho/dezembro de 2000, p. 142-155.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, Cascavel: Unioeste, a. 2, n. 3, 2008, p. 1-16.

PENTEADO, Cláudio. Os protestos contra a Copa de 2014 no Brasil: análise do II Grande Ato contra a Copa no Facebook. **Em Debate**. Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 7-23, março 2014.

PERUZZO, Cicilia M. K. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou” (?). **MATRIZES**, São Paulo, ano 7, n. 2, julho/dezembro 2013.

SEBASTIÃO, Sônia Pedro; ELIAS, Ana Catarina. O ativismo like: as redes sociais e a mobilização de causas. **Sociedade e Cultura**. Goiânia, v. 15, n. 1, p. 61-70, janeiro/junho de 2012.